



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

17229 - Resumo Expandido - Trabalho - XXVII Encontro de Pesquisa Educacional do Nordeste – Reunião Científica Regional – ANPEd Nordeste (2024)

ISSN: 2595-7945

GT21 - Educação e Relações Étnico-Raciais -N

“AQUI É ZUMBI”: O PROTAGONISMO DAS CRIANÇAS NA CONGADA E NO TERNO DE MOÇAMBIQUE ZUMBI DOS PALMARES DA CIDADE DE UBERABA – MG
 Maycol Douglas Lima da Silva - UESB - UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA

Marilete Calegari Cardoso - UESB - UNIVERSIDADE ESTADUAL SUDOESTE BAHIA

“**AQUI É ZUMBI**”: O PROTAGONISMO DAS CRIANÇAS NA CONGADA E NO TERNO DE MOÇAMBIQUE ZUMBI DOS PALMARES DA CIDADE DE UBERABA – MG

1 INTRODUÇÃO

As reflexões a que este texto convida têm origem na pesquisa “Minha casa é um Quilombo e o terno de Moçambique é o meu Batalhão”, e buscou refletir acerca da infância no Quilombo do Terno de Moçambique Zumbi dos Palmares da cidade de Uberaba/MG, a fim de compreender o protagonismo das crianças da Congada, suas brincadeiras e responsabilidades, ressoando, também, nos processos de transmissão do saber e como tais processos, desde muito cedo, criam sentidos de pertencimento cultural.

Os praticantes da manifestação cultural do Moçambique no Brasil estão inseridos nos círculos das Congadas como herdeiros da cultura do continente africano. As Congadas se apresentam como estruturas macro que agregam várias nações, dentre elas os grupos de Moçambique. A manifestação do Moçambique, por sua vez, enquanto expressão afro-religiosa, apresenta-se em forma de dança, de elementos característicos e de filosofia de vida que orienta toda uma comunidade.

As problematizações acerca do papel das crianças na manifestação do Moçambique, é atravessada pela história e perpassa pela continuidade de uma tradição que veio dos africanos escravizados, e hoje, é um patrimônio cultural imaterial de Minas Gerais. No entanto, embora seja perceptível a grandeza e expressividade do Congado como um festejo popular que alimenta a fé e resistência, através do Rosário de Maria, “ainda há desconhecimento e preconceito”, conforme aponta Lisboa (2022, s/p.).

Assim, é compreendida a necessidade de pensar e fazer reflexões sobre a infância no Quilombo, visto que comunidades como o Terno de Moçambique Zumbi dos Palmares “[...] em dado momento são adotados por grupos sociais concretos como projetos de vida locais” (Santos, 2008, p. 45), e é relegada às crianças a tarefa de manutenção de tais projetos e suas tradições.

Durante pesquisa na comunidade estudada, foi possível observar uma trama de estratégias afrocentradas que objetivam a manutenção e a (re) invenção daquilo que a pesquisadora nigeriana Oyèrónkẹ Oyěwùmí (2002), classificou como sendo uma Cosmopercepção Diaspórica. Para a autora, trata-se “de uma maneira mais inclusiva de descrever a concepção de mundo por diferentes grupos culturais” (Oyěwùmí, 2002, p. 03). A aplicação de tal conceito pode ser exemplificada nos Quilombeiros, entidades próprias da comunidade, assim como na forma com a qual os membros se relacionam entre si e com o sagrado, como constroem os seus rituais e como transmitem os saberes para as crianças.

Diante desse contexto, esta pesquisa partiu da seguinte questão: Quais aspectos do cotidiano no Quilombo do Terno de Moçambique Zumbi dos Palmares orienta e diferencia uma infância moçambiqueira? Em suma, o estudo aqui apresentado, procura olhar e compreender o lugar das crianças ao longo de todo o processo cotidiano, a ponto dos dados obtidos permitirem que se cunhe um certo formato dessa infância moçambiqueira no quilombo urbano Terno de Moçambique Zumbi dos Palmares, através de uma hierarquia onde a idade temporal fica em um segundo plano diante da idade espiritual.

Como metodologia foi desenvolvido um estudo etnográfico, a partir das transgressões metodológicas apoiadas por Mignolo (2008) e Santos (2008), e do debate metodológico promovido por autores como Fonseca (1998), Geertz (1978), Ahlert (2013) e Hall (2003). Como dispositivos da pesquisa foram utilizados a observação participante e a entrevista, com crianças 0 a 14 anos, durante o cotidiano do quilombo e dos festejos da Congada, o que compreendeu os meses de maio e outubro dos anos 2018 e 2019, maio de 2021 e maio de 2024.

Em termos de organização do artigo, são primeiramente propostas reflexões acerca da criança na filosofia banto/congo, e após é repercutido acerca do papel da

criança moçambiqueira como protagonista da sua própria infância. Por fim, é são apresentados aspectos do cotidiano no quilombo, os quais diferenciam uma infância moçambiqueira.

2 DESENVOLVIMENTO

2.1 A criança na filosofia banto/congo

O sistema de filosofia dos Banto-Kongo nos ajuda a interpretar a forma como os descendentes e herdeiros dos bantos no Brasil, a exemplo dos Moçambiqueiros da Congada, leem o mundo e a si mesmos. Nessa perspectiva filosófica, as crianças são os ancestrais reencarnados, são os mais próximos do mundo espiritual, pois acabaram de fazer a passagem.

Para Santos (2019), o sistema dos Banto-Kongo é um sistema complexo de compreensão do mundo, que orienta a comunidade como um todo em um grande encadeamento de vivos e mortos, isso porque a morte, nessa perspectiva, não existe de fato, o que existe é a contínua mudança de ciclos que se assemelha ao movimento do sol: “o ser humano é kala-zima-kala, um ser-vivo-de-vida-e-morte. Um ser de movimento ininterrupto” (Santos, 2019, p. 33).

O conceito de *continuum* transatlântico (Ratts, 2006) formula que o processo de escravidão não foi suficiente para apagar estruturas filosóficas herdadas dos povos do continente africano, e é esse referencial que acaba por orientar grupos culturais que se reorganizam em solo brasileiro. Não se trata de pura transmissão, mas a partir do referencial ancestral, novas práticas, costumes e tradições são constantemente criadas ao longo da história.

O Batismo no Quilombo praticado pelos moçambiqueiros do Terno de Moçambique Zumbi dos Palmares é um exemplo. A partir de tal prática, a criança do Quilombo ou o adulto que não teve a oportunidade de nascer na cultura do moçambique integra-se a comunidade em um laço de familiaridade e comunhão. O Batismo no Quilombo, além de reforçar esse caráter familiar através do apadrinhamento, institucionaliza as relações. Cada criança tem sete casais de padrinhos, que precisam assumir o comprometimento com a segurança, a saúde e o futuro das crianças batizadas.

O envolvimento de uma gama de pessoas no cuidado com as crianças do Terno, através do apadrinhamento, pode ser lido como um traço herdado dos povos do continente e de suas ramificações, já que para alguns desses povos, as crianças pertenciam a toda a comunidade, que assumia a responsabilidade com os mesmos, para além dos laços sanguíneos (Santos, 2019 e Somé, 2007).

O ritual costuma acontecer no dia do primeiro ensaio, na parte da tarde, logo após o período da quaresma. Toda área do Quartel é defumada e cada casal de padrinhos é responsável por levar uma toalha branca e uma vela de batismo. É tocado Moçambique e os Quilombeiros descem em terra para consagrar o ritual. As velas são acesas e seguradas pelos padrinhos.

Segundo a Madrinha Virina, em relato colhido durante conversa em 12 de maio de 2021, também são utilizados neste ritual o sal e o azeite para fazer o sinal da cruz nas crianças, em um processo chamado de Cruzamento do Corpo. O Cruzamento é realizado pelo Quilombeiro Zumbi e pelos Quilombeiros que estiverem presentes em terra, além dos padrinhos.

Ao final do ritual, cada padrinho leva para casa a sua vela, visto que esta representa a própria criança batizada, de modo que precisa ser cuidada e protegida para que não se quebre. Segundo o Quilombeiro Zumbi, a vela é a luz da vida da criança, quando a criança tem algum problema, o padrinho pode acender a vela, pedir pela criança e depois apagar e guardá-la novamente. A madrinha e capitã Aline atesta a importância de tal prática:

Tem toda uma concentração espiritual, o pessoal do Quilombo tá aqui, os Quilombeiros estão aqui, consagrando aquela criança. Tem todo esse envolvimento dos espíritos estar ali. Porque você está energizando aquela criança para o mundo do Quilombo (Relato da Capitã Aline, 2021).

A elaboração de um batizado próprio, nomeado pela Capitã Aline como “Batismo no Quilombo”, o qual é normatizado pelos membros, é uma das demonstrações desse quilombo de empreender uma cultura própria (Ratts, 2006). Classificada pelos membros como tradição, sua elaboração é possível graças a uma transcodificação (Hall, 2003) do batismo judaico-cristão. Trata-se, portanto, de uma confluência de mais uma tradição cultural resultante em algo novo que reforça a identidade do grupo, já que seu papel está muito mais ligado à vinculação do que a um rito de passagem.

Para os bantos-congo, a criança é uma responsabilidade de toda comunidade, e é nas experiências de vida, no cotidiano e nas relações que as crianças estabelecem que ocorrem aprendizagens (Brougère e Ulmann, 2012). O que pode ser observado anualmente no cortejo da Congada quando as crianças observam e buscam seguir a rítmica forte dos tambores com suas miniaturas de instrumentos, como caixas, patangomes e gungas.

Em diversos momentos, elas acabam por ser protagonistas do cortejo, pois, conforme Sarmiento (2005, p. 373), “estas actividades e formas culturais não

nascem espontaneamente; elas constituem-se no mútuo reflexo das produções culturais dos adultos para as crianças e das produções culturais geradas pelas crianças nas suas interações”. Ou seja, as crianças relacionam-se entre si com práticas ritualizadas, de continuidade ou ruptura, de forma que o tempo é um elemento sujeito a repetição, sempre “reinvestido de novas possibilidades” (Sarmiento, 2004, p. 17).

2.2 Criança moçambiqueira como protagonista da sua própria infância

Estudos acerca de crianças e das infâncias, na ótica da Sociologia da Infância, apontam “a criança com direitos, sendo atores sociais, nos seus mundos da vida; e a infância, como categoria geracional, socialmente construída” (Sarmiento, 2005, p. 22). Nessa acepção, as crianças são compreendidas como agentes sociais, ativos e criativos, conforme define (Corsaro, 2011). Elas possuem capacidade de agir socioculturalmente mediada – ou seja, compreendida como “potencial de ação”, mediado por fatores sociais, interacionais, culturais, institucionais e outros fatores contextuais. Em outras palavras, a criança é pública e coletiva e se expressa em ações; é um conjunto estável de atividades, rotinas, artefatos, valores e interesses.

Nesse sentido, compreendem-se as crianças moçambiqueiras como agentes sociais, pelo seu ato de agir, sendo protagonista do ambiente em que vivem, produzindo culturas infantis, pois elas são seres com “[...] capacidade de produção simbólica [...] e a constituição de suas representações e crenças em sistemas organizados, isto é, em culturas” (Pinto e Sarmiento, 1997, p. 20). Enfim, suas contribuições para a comunidade de Moçambique Zumbi dos Palmares são constituídas nos acontecimentos diários, na troca de informações e experiências entre as crianças, revestidas com emoções, sentimentos, hábitos, representações e conflitos.

Da mesma maneira, vemos as crianças moçambiqueiras como protagonistas da sua própria infância, ao reconhecer que elas produzem culturas infantis que envolvem situações lúdicas, já que elas não são “apenas o alvo dos processos de socialização, o alvo da ação do adulto, mas ela também tem um papel importante nesse processo de socialização de si mesma, de outras crianças e dos adultos ao seu redor” (Tebet, 2018, p. 208).

De certo, as experiências com a dança, cantigas e brincadeiras com os instrumentos musicais da Congada contribuem para a interpretação do mundo da criança, ao passo que constroem a infância contemporânea (Brougère, 2004). Nesse estudo, as culturas infantis moçambiqueiras podem ser observadas pelas performances das crianças, que nos cortejos das congadas dos anos de 2018,

2019, 2021 e 2024 eram estimuladas por todos os integrantes a todo momento em um processo de positivação.

Era nítida a potencialidade de suas expressões, no seu jeito de dançar com firmeza, levando nas pernas pequenos guizos, cajados e chupetas adornadas na boca. Esse agenciamento das crianças pode ser observado em todos os Ternos. Tidos como espaços de construção social, o qual Hall (2003) caracteriza como sendo *lócus* de uma Cultura Popular Negra, e que Nascimento (1985) conceitua como sendo Quilombo, é responsável pela construção de uma autoimagem positiva. As crianças crescem com um referencial de Gangas, Gerais, Capitães, Reis, Rainhas e Madrinhas, todos reconhecidos pela comunidade, são mestres no desempenho de suas funções sociais.

Esse referencial naturalmente ajuda no processo de positivação de seus corpos, em um orgulho de pertença, uma consciência de si advindas dos quilombos, visto que “Essas culturas têm usado o corpo como se ele fosse, e muitas vezes foi, o único capital cultural que tínhamos. Temos trabalhado em nós mesmos como em telas de representação” (Hall, 2003, p. 343).

Esse trabalho, em si mesmo, pode ser observado todos os dias na casa do Ganga e da Capitã Aline, quando os meninos pequenos, em suas brincadeiras, reproduzem a todo tempo os toques e ritmos do Moçambique. Seja batendo na mesa, no corpo ou nas paredes de tábua, brincando com os mini instrumentos, apitando como os capitães ou cantarolando alguma cantiga em uma repetição, que quase sempre arranca da Madrinha Aline resmungos em tom de brincadeira “*não aguento mais isso, é o dia inteiro desse jeito*”. O corpo se apresenta como tela de representações, o qual sofre influência e se manifesta por intermédio da herança.

2.3 “Aqui é Zumbi!”: Sentimento de pertencimento das crianças moçambiqueiras

No dia 18 de maio de 2024, aconteceu em Uberaba/MG uma celebração da congada, que, após mais de uma década, a coroa da rainha ficara a cargo do terno de Moçambique Zumbi dos Palmares. A responsabilidade de ser os festeiros do ano representa a honraria máxima para a comunidade congadeira. As ruas do Bairro Estados Unidos, nas proximidades da rua Quitino Junior, foram tomadas por inúmeros ternos da cidade de Uberaba, de outros municípios e estados, com objetivo de saudar os reis com cantorias e rítmicas próprias de cada terno.

Os toques dos tambores cada vez mais fortes anunciavam que era chegada a hora do início do cortejo, e enquanto a maioria dos ternos se posicionavam com os seus, o Terno de Moçambique Camisa Rosa cantava para o reinado.

Inesperadamente, iniciou-se uma grande confusão, que um observador desatento não conseguiria decifrar sentidos: cajados sendo utilizados como barreira de proteção e como armas, capitãs ameaçando desembainhar suas espadas e anciãos utilizando de mandigas para proteger o terno detentor da coroa.

A disputa em questão, girava em torno, da reivindicação do Moçambique Camisa Rosa, para conduzir o Rei e a Rainha pelas suas de Uberaba até a Igreja Matriz. A tradição da Congada manda que o reinado seja conduzido por um Moçambique, conforme descrito por Leda Maria Martins (1997). No episódio em questão, a rainha do ano de 2024 carregava de forma vitalícia o título de capitã do Moçambique Zumbi dos Palmares e não aceitou sair em cortejo com outro terno, se não o seu.

Entre as acusações mutuas de quebra de tradição, um grupo de crianças com idades variadas, lideradas pelo Enzo (10 anos), apontavam o cajado para o Terno que ameaçava levar o reinado sem consentimento, batendo no peito, com palavras como: “Aqui é Zumbi!”. O sentimento de indignação expresso pelas crianças, podia ser observado em todos os membros do grupo, o que reflete o papel ativo das crianças no âmbito da comunidade, já que as mesmas participam não somente do cortejo, mas dos rituais, do cotidiano, das tomadas de decisão, bem como dos momentos de conflito.

3 Para não concluir

É proposta ao leitor deste trabalho uma não conclusão. O fenômeno Quilombo e o papel das crianças na construção dos seus fazeres, suas nuances e as suas possibilidades, estão envoltos em um manto de complexidade, principalmente, pelo fato de que tanto as comunidades, quanto os corpos que a animam são de naturezas inconclusas.

No entanto, é possível perceber, através de diversas passagens, a construção de uma cultura infantil moçambiqueira no bojo da cultura do moçambique como entrecruzamento de territórios ainda não pesquisados a fundo, cenário tão comum nas comunidades afrodiáspóricas. Que essa não conclusão sirva de convite a novos pesquisadores interessados em descortinar um pouco do papel das crianças em comunidades tradicionais.

REFERÊNCIAS

AHLERT, M. **Cidade Relicário**: uma etnografia sobre o terecô, precisão e encantaria em Codó (Maranhão). 2013. 282 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) - Programa de Pós-graduação em Antropologia Social, Departamento de

Antropologia, Universidade de Brasília, Brasília. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/13742>. Acesso em: 16 set. 2020.

BROUGÈRE, G. **Brinquedo e Companhia**. São Paulo: Cortez, 2004.

_____; ULMANN, A. (orgs.). **Aprender pela vida cotidiana**. Campinas: Autores Associados, 2012. p. 11-23.

CORSARO, W. **Sociologia da Infância**. Artmed: Porto Alegre, 2011.

FONSECA, C. Quando cada caso não é um caso: pesquisa etnográfica e educação. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 21, 1998, Caxambu. **Anais...** Caxambu: Universidade Federal de Minas Gerais, 1998, p. 16-29. Disponível em: https://poars1982.files.wordpress.com/2008/03/rbde10_06_claudia_fonseca.pdf. Acesso em: 27 abr. 2020.

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Ed. Zahar, 1978.

HALL, S. **Da Diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte, Brasília: Editora UFMG; Representação da UNESCO no Brasil, 2003.

LISBOA, R. Os conguinhos: as crianças como protagonistas do Congado Mineiro. **Lunetas**, Publicado em 18.01.2022. Disponível em: <https://lunetas.com.br/congado-minas-gerais-criancas/>. Acesso em: 08 ago. 2024

MARTINS, L. M. Afrografias da memória: O reinado do Rosário no Jatobá. São Paulo Editora: Perspectiva, 1997.

MIGNOLO, W. D. Desobediência epistêmica: a opção descolonial e o significado de identidade em política. **Cadernos de Letras da UFF: dossiê: literatura, língua e identidade**, Rio de Janeiro, n. 34, p. 287-324, ago./dez. 2008. Disponível em: www.uff.br/cadernosdeletrasuff/34/traducao.pdf. Acesso em: 15 ago. 2020.

NASCIMENTO, B. O conceito de Quilombo e a resistência Cultural Negra. **AFRODIÁSPORA**, Rio de Janeiro, ano 3, n. 6, p. 41-49, jan./dez. 1985.

OYĚWÙMÍ, O. Visualizing the body: western theories and african subjects. In: COETZEE, P. H.; ROUX, A. P. J. (eds). **The african philosophy reader**. New York: Routledge, 2002, p. 391-415. Disponível em: https://filosofia-africana.weebly.com/uploads/1/3/2/1/13213792/oy%C3%A8r%C3%B3nk%E1%BA%B!C%81_oy%C4%9Bw%C3%B9m%C3%AD_-_visualizando_o_corpo.pdf. Acess em: 19 out. 2020.

PINTO, M.; SARMENTO, M. J. (Coord.). **As crianças: contextos e identidades**. Braga: Centro de Estudos da Criança, Universidade do Minho, 1997.

RATTS, A. **Eu sou Atlântica**: sobre a trajetória de Beatriz do Nascimento. São Paulo: Imprensa Oficial, 2006.

SARMENTO, M. J. As culturas da infância nas encruzilhadas da segunda modernidade. In: SARMENTO, M. J.; P; CERISARA, A. B. (orgs). **Crianças e miúdos**: perspectivas sociológicas da infância e educação. Porto: Asa Editores, 2004.

_____. Gerações e Alteridade: interrogações a partir da sociologia da infância. **Revista Educação & Sociedade**. v. 26, n. 91, p. 361–378, maio/ago. 2005. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/a/3PLsn8PhMzxZJzvdDC3gdKz/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 15 jul. 2024.

SANTOS, B. S. **Um discurso sobre as ciências**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

SANTOS, T. S. N. **A cosmologia africana dos bantu-kongo por Bunseki Fu-Kiau**: tradução negra, reflexões e diálogos a partir do Brasil. 2019. 234 f. Tese (Doutorado em Letras) – Pós-graduação em Letras, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.

SOMÉ, S. **O espírito da intimidade**– ensinamentos ancestrais africanos sobre maneiras de se relacionar. São Paulo: Odysseus, 2007.

TEBET, G. G. C. Protagonismo infantil, pequena infância e docência na educação infantil. In: SANTOS, M. W.; TOMAZZETTI, C. M.; MELLO, S. A. (Orgs.). **Eu ainda sou criança**: educação infantil e resistência. São Carlos: EdUFSCar, 2018. p. 207-216.

